



Um aspecto de Tome, logo que recuperada pelas FAM-FPLM. Hoje está a nascer aqui uma aldeia comunal

Tome, ontem e hoje

24.4.84

• Uma aldeia comunal nasce das ruínas deixadas pelos bandidos armados

por Custódio Inácio

A 192 quilómetros da sede do distrito de Massinga, em Inhambane, situa-se Tome, sede da Localidade. Com uma extensão de 5.100 kms. quadrados, de acordo com o anuário 78/79 a localidade de Tome possui 22 células e aproximadamente 15.255 habitantes.

Tome. É ali mesmo onde o bandido armado dizia ter a sua base central. A sede desta Localidade constituía, segundo nos informaram, o posto avançado dos bandoleiros, posto avançado de Mambuili (Tigre de Papel).

Não estão ainda passados seis meses após o assalto de Mambuili e, naturalmente, para quem lá vá encontra visivelmente marcadas nos rostos dos habitantes a zona, as marcas das mãos assassinas, a destruição que caracterizou a estada do bando armado naquele local, uma característica que, aliás, constitui senha e contra-senha que identifica aqueles malfeitores.

Aquela população não deixaram nada. Pilharam, destruíram, praticaram tudo mais alguma coisa que de desumano pode existir. Mas deixemos Tome de Agosto de 1983 para falarmos da actual Tome.

Hoje chega-se a Tome e, «a priori», sente-se qualquer coisa que respirar puro. Parando em frente às duas lojas existentes na sede de localidade e lançando o olhar para a nascente, vislumbra-se um manto verde misturado com o amarelado das folhas do milho que se tornou raquitico devido à falta de chuvas. Mas Tome não é só a sede da localidade, é também e talvez mesmo a mais importante das quatro aldeias comunais que surgiram após a acção gloriosa das FAM.

«Nós aqui na localidade desenvolvemos o trabalho político de reorganização das populações em aldeias comunais, nomeadamente em Gumane, Mambuili, Zivine e na sede da Localidade. Outro trabalho que realizamos é a reorganização das estruturas de base do Partido, grupos dinamizadores, organizações democráticas de massas, grupos de vigilância e milícias populares».

Estamos na sede da localidade de Tome e quem nos fala é o secretário do Comité da Localidade para a Organização do Partido. Ele fala de Gumane. Gumane é uma das aldeias comunais daquela localidade. Com duzentos e oitenta e seis agregados familiares, aquela comunidade rural (em embrião) alberga mais 4.500 habitantes que, anteriormente, devido à acção dos bandidos armados, viviam dispersos. Fomos a Gumane, falámos com várias pessoas para saber como vivem, quais as principais dificuldades, entre outras questões.

— «Chamo-me Armindo Rafael Langane. Quando o comando aqui chegou, começou a organizar as pessoas

para a constituição de uma aldeia. Falámos com as pessoas até elas entenderem a necessidade de todos nós vivermos em conjunto. Iniciámos a construção de habitações, trabalho que até ao momento prossegue. Desde que iniciámos as construções, a maior dificuldade que enfrentamos é falta de comida (entenda-se géneros de primeira necessidade) e de água, dado que a bomba existente não chega para abastecer o número de pessoas existentes na comunidade. Outras preocupações estão relacionadas com a falta de um posto de saúde e a nudez. Estão prestes a iniciar-se as aulas e não sabemos o que vestirão os continuadores, mesmo nós os adultos não temos de vestir. Sobre a produção agrícola, fomos abastecidos em semente, mas o problema principal é a chuva que não cai». São palavras do adjunto do secretário do Grupo Dinamizador daquela aldeia.

Estamos exactamente no centro da aldeia e para todos os lados, num raio de aproximadamente meio quilómetro, são habitações dos aldeões e naturalmente pequenas machambas que de machamba só têm o nome, porquanto a terra ressequida pouco ou quase nada dá aos camponeses.

Na verdade, a fome é um dos problemas sérios na aldeia comunal de Gumane. Receberam semente, lançaram à terra mas a semente ficou queimada para não germinar ou se germinou não fez mais que isso.

— «Sou Elisa Quetane. Estou aqui na aldeia desde que se iniciaram as construções. A principal dificuldade da aldeia é a fome, falta de água e de hospital. Sobre a nossa vida, vivemos bem. Mesmo no tempo de algumas bebidas (sumo de caju) nunca houve zangas. Os soldados que aqui estão, vivem connosco bem, não ameaçam ninguém nem nunca tentaram apropriar-se de coisas de alguém à força».

Para habitantes que durante algum tempo se viram privados da utilização de seus bens, a disciplina das nossas FAM, é algo que merece notar.

A população daquela comunidade está ainda preocupada com a questão da habitação. Ainda não produz em moldes colectivos, mas já existe um plano do Comité de Localidade para a formação de uma cooperativa agrícola e de vinte e cinco associações para a produção de algodão, milho, mapira, entre outras culturas, principalmente as que resistem à seca.

A certeza de vencer está patenteada nos rostos dos aldeões.

Tome: Ontem e Hoje.